

(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho
(Organizadores)



3

Atena
Editora
Ano 2021

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho
(Organizadores)



3

Atena
Editora
Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

(Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação 3

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D452 (Des)Estímulos às teorias, conceitos e práticas da educação 3 / Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho. - Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-344-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.443210208>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da (Organizador). II. Silva Filho, Valdemiro Carlos dos Santos (Organizador). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a (re) pensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro.

As discussões empreendidas neste livro, intitulado “**(Des)Estímulos às Teorias, Conceitos e Práticas da Educação**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Na direção do apontado anteriormente, é que professoras e professores pesquisadores, de diferentes instituições e países, voltam e ampliam o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade. É um desafio, portanto, aceito por muitas e muitos que fazem parte dessa obra.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!


Américo Junior Nunes da Silva
Valdemiro Carlos dos Santos Silva Filho

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

PEQUENAS LIÇÕES DA PANDEMIA: ALGUMAS PROVOCAÇÕES PARA A ESCOLA

Luciane Figueiredo Pokulat

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102081>

CAPÍTULO 2..... 14


A DISCRIMINAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NA PRÁTICA ESPORTIVA

Jeniffer Lopes de Assis Venâncio

Juliana Krieger

Fabiana Rodrigues Scartoni

Janine Meirelles dos Santos Ramos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102082>

CAPÍTULO 3..... 27

INCLUSÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR SOB A PERSPECTIVA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Iasmin Rabelo de Queiroz

Raniele da Silva Moreira

Dayenne Godoy Pellucci Maciel

Marcely Borges Matoso

Lucas Miranda Kangussu

Marcos Augusto de Sá

Eduarda Maria Silva de Souza

Luciana de Pinho Tavares Sousa

Alexandre Diniz Silva

Janice Henriques da Silva Amaral

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102083>

CAPÍTULO 4..... 36

CIÊNCIAS E TECNOLOGIA: SOFTWARES EDUCACIONAIS COMO ALTERNATIVA DE ENSINO


Henrique da Rocha Velôso

Karolayne Siqueira Mazarim

Renata dos Santos Coelho

Thalia Rhaney Silva de Oliveira

Leiva Custódio Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102084>


CAPÍTULO 5..... 42

O IMPACTO DO BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL DE CRIANÇA AUTISTA COM DIFICULDADES NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA

Andreia Cristiane Silva Wiezzel

Tagiane Maria da Rocha Luz


Daniela Ribeiro Braga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102085>

CAPÍTULO 6..... 54

SCRATCH: LINGUAGEM DE PROGRAMAÇÃO EM ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA PARA PROFESSORES EM FORMAÇÃO

Ely Ticiano da Silva Ramos
Cibelle Amorim Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102086>

CAPÍTULO 7..... 62

A LINGUAGEM CARTOGRAFICA NAS PRÁTICAS DOCENTES DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL


Andrezza Lima Oliveira
Ronaldo dos Santos Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102087>

CAPÍTULO 8..... 67

A OFERTA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NAS PENITENCIÁRIAS DO ESTADO DO PARANÁ


Daiane Letícia Boiago

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102088>

CAPÍTULO 9..... 78

POLÍTICAS EDUCACIONAIS PARA FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA E O COMPROMISSO SOCIAL DA UNIVERSIDADE


Irene Jeanete Lemos Gilberto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4432102089>

CAPÍTULO 10..... 87

ANÁLISE DAS FERRAMENTAS AVALIATIVAS DOS CURSOS DE ENSINO SUPERIOR NOS AMBIENTES VIRTUAIS DE APRENDIZAGEM: MOODLE (UESPI) E SIGAA (UFPI)

Ivone Maria Silva de Oliveira
Carla Gabryela Resende Fonsêca
Daniele Rocha Melo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020810>


CAPÍTULO 11..... 101

EFEITOS DE UM PROGRAMA DE TREINAMENTO NA VARIABILIDADE DA FREQUÊNCIA CARDÍACA

Anibal Pires do Amaral Neto
Thiago Souza da Rosa
Lucas Lopes dos Reis
Ricardo Siqueira de Oliveira
César Augusto Furlaneto
Natã José Ayres Christoni
Thayana Amorim Berenghel
Claudinei Ferreira dos Santos

Rui Gonçalves Marques Elias

Antônio Stabelini Neto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020811>

CAPÍTULO 12..... 111


PERCEÇÃO DE EGRESSOS SOBRE O CURSO TÉCNICO EM AGROINDÚSTRIA PARA A REGIÃO DA CAMPANHA GAÚCHA

Stela Maris Meister Meira

Paula Cilene Machado Munhoz

Carla Simone Silveira Vaz

Suélen dos Santos Garcia


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020812>

CAPÍTULO 13..... 120

POVO INDÍGENA MISAK (COLÔMBIA): O CIBERESPAÇO COMO EXTENSÃO DE SEU IMAGINÁRIO, TERRITÓRIO E SABERES

Jennifer Paola Pisso Concha

Aline Wendpap Nunes de Siqueira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020813>

CAPÍTULO 14..... 132


ANÁLISE DOS HÁBITOS DE ATIVIDADE FÍSICA E LAZER E OS INDICADORES DE SAÚDE DE ESCOLARES

Bruna Rigon Gevinski

Alessandra Dalla Rosa da Veiga

Maiara Cristina Baratieri

Naiane Pertuzzatti


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020814>

CAPÍTULO 15..... 142

CONSCIÊNCIA AMBIENTAL NO ENSINO TÉCNICO – PROJETO LIXO TECNOLÓGICO

Fátima Aparecida Peixoto da Silva

Moisés Peixoto da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020815>


CAPÍTULO 16..... 150

RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: INSTITUIÇÕES PARCEIRAS NA FORMAÇÃO DOS FILHOS/ALUNOS

Jéssica Regina Debastiani Belusso

Rosangela Maria Boeno

Paulo Fernando Diel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020816>


CAPÍTULO 17..... 157

DESAFIOS NA PRÁTICA DOCENTE EM TEMPOS DE PANDEMIA: ESTUDO DE CASO

NO ESTADO DE MATO GROSSO

Marina Garcia Lara


Aloir Pacini

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020817>

CAPÍTULO 18..... 171

O ENSINO DE ARTE E AS INTERVENÇÕES URBANAS COMO POSSIBILIDADES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS COMPETÊNCIAS INTERCULTURAIS

Cristiane Nicolau Barbosa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020818>

CAPÍTULO 19..... 177

AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E REGULAÇÃO DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: ENFOQUE NA QUALIFICAÇÃO DOCENTE

Neide Pena

Cleber Rocha Alves


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020819>

CAPÍTULO 20..... 191

FORMAÇÃO DO PROFESSOR , TECNOLOGIA E INTERAÇÃO: REFLEXÕES

André Gomes dos Santos


Irene da Silva Coelho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020820>

CAPÍTULO 21..... 202

FORMACIÓN EDUCATIVA SEGÚN LOS OBJETOS DE APRENDIZAJE DESDE LA PEDAGOGÍA CRÍTICA EN LA EDUCACIÓN

Alfonso Claret Zambrano

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020821>

CAPÍTULO 22..... 217


A INTEGRAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO APRENDIZADO ARTICULADO COM A PRÁTICA

Milene Dias Ferreira Magri

Sheila Cristina Gatti Sobreiro

Daniela Ferreira Cardoso

Hailton Cardoso Alves


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020822>




CAPÍTULO 23..... 221

OFICINAS PREPARATÓRIAS DE QUÍMICA PARA O ENEM: REVISÃO DE CONTEÚDOS E APRIMORAMENTO DE COMPETÊNCIAS

Vicenzo Escarrone

Susana Pereira de Jesus

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020823>

CAPÍTULO 24.....	223
ORGANIZAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES ACADÊMICAS: O SUBSÍDIO DOS GESTORES DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA NOS PROCESSOS DE AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL E TOMADA DE DECISÃO	
Aldo Melhor Barbosa	
Rodrigo Luiz Lasse Ferreira	
Mauricio Charmite Teixeira	
Breno Pádua Brandão Carneiro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020824	
CAPÍTULO 25.....	241
RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA	
Sidney Ramos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020825	
CAPÍTULO 26.....	254
CAPACITAÇÃO BIM NO SINDUSCON-MG	
Maria Luisa Ribeiro Antunes	
Denise Aurora Neves Flores	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.44321020826	
SOBRE OS ORGANIZADORES	262
ÍNDICE REMISSIVO.....	263

A DISCRIMINAÇÃO DA MULHER BRASILEIRA NA PRÁTICA ESPORTIVA

Data de aceite: 27/07/2021

Data de submissão: 06/05/2021

Jeniffer Lopes de Assis Venâncio

Universidade Católica de Petrópolis
Petrópolis – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/4343458852773007>

Juliana Krieger

Universidade Católica de Petrópolis
Petrópolis – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/5154727243790882>

Fabiana Rodrigues Scartoni

Universidade Católica de Petrópolis
Petrópolis – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/2583824674011092>

Janine Meirelles dos Santos Ramos

Universidade Católica de Petrópolis
Petrópolis – Rio de Janeiro
<http://lattes.cnpq.br/7418934440054559>

RESUMO: Alguns esportes praticados pelo público feminino carregam em si uma série de preconceitos e estereótipos. Muitas mulheres atletas e praticantes de diferentes modalidades sofrem até hoje com rótulos inapropriados devido a escolha do esporte que praticam. O objetivo deste estudo foi identificar as adversidades encontradas por mulheres praticantes de jiu-jitsu, fisiculturismo e futsal relacionadas ao machismo e preconceito. A pesquisa bibliográfica realizada para este estudo teve como foco a participação das mulheres no esporte de competição

no Brasil. A Revista Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (2014) traz uma afirmação sobre a carência de dados no esporte feminino no Brasil, o que dificulta uma investigação profunda sobre a vivência de homens e mulheres no contexto esportivo, impossibilitando uma melhor comparação entre a realidade masculina e feminina. A partir destas informações seria possível precisar com mais eficiência as falhas e lacunas existentes neste cenário, a fim de melhorar o acesso e permanência das mulheres no esporte e lazer em igualdade de condições aos homens. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, na qual foi utilizado o método de análise de conteúdo para a análise de dados. (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016). O instrumento de coleta de dados foi um questionário com 8 questões abertas para mulheres atletas de fisiculturismo, futsal e jiu-jitsu, e o grupo amostra foi constituído por 14 mulheres que atendiam aos requisitos de inclusão na pesquisa. Foram adotados os procedimentos éticos necessários. Foi possível analisar que o preconceito ainda faz parte da realidade de muitas atletas, sendo manifestado diferentes formas, de acordo com a modalidade praticada. A falta de incentivo na infância e adolescência é um dos problemas ainda enfrentados por diversas meninas, que crescem muitas vezes sem o contato com o mundo esportivo, e só depois de adultas, por curiosidade ou afinidade, decidem se inserir na prática esportiva.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação. Mulheres. Esporte. Preconceito. Desigualdade.

THE DISCRIMINATION OF BRAZILIAN WOMEN IN SPORTS PRACTICE

ABSTRACT: Some sports practiced by the female public carry a series of prejudices and stereotypes. Many women athletes and practitioners of different modalities still suffer from inappropriate labels today due to their sport. This study aimed to identify the adversities encountered by women practicing jiu-jitsu, bodybuilding, and futsal related to machismo and prejudice. The bibliographic research carried out for this study focused on the participation of women in competitive sports in Brazil. The Brazilian Observatory of Gender Equality (2014) brings a statement about the lack of data in women's sport in Brazil, which makes it challenging to conduct a thorough investigation of the experience of men and women in the sports context, making it impossible to compare the male reality and feminine better. Based on this information, it would be possible to specify the failures and gaps more efficiently in this scenario to improve women's access and permanence in sport and leisure on equal terms with men. It is qualitative and quantitative research, in which the content analysis method was used for data analysis. (CARLOMAGNO E ROCHA, 2016). The data collection instrument was a questionnaire with eight open questions for women bodybuilding, futsal, and jiu-jitsu athletes, and the sample group was made up of 14 women who met the requirements for inclusion in the research. The necessary ethical procedures were adopted. It was possible to analyze that prejudice is still part of the reality of many athletes, being manifested in different ways, according to the modality practiced. The lack of encouragement in childhood and adolescence is one of the problems still faced by several girls, who often grow up without contact with the sports world, and only after being adults, out of curiosity or affinity, decide to insert themselves in sports practice.

KEYWORDS: Discrimination. Women. Sport. Sexism. Inequality.

1 | INTRODUÇÃO

Em 2019 ocorreu a oitava edição da Copa do Mundo feminina de futebol e pela primeira vez todas as partidas brasileiras foram transmitidas ao vivo no país. Para o esporte feminino, este inédito acontecimento foi de grande valor e importância para o evento que até então, nacionalmente, era praticamente ignorado, sem grande visibilidade. Isto nos leva a diversos questionamentos: Por que o esporte feminino muitas vezes não possui o mesmo reconhecimento que o masculino? Qual os possíveis motivos para as mulheres serem tão discriminadas em determinadas modalidades? As mulheres são incentivadas a prática esportiva? O que mudou até os dias de hoje? O preconceito diminuiu? Estas e outras indagações são cruciais para entendermos o porquê da mulher não ter o devido reconhecimento dentro do esporte.

Historicamente na nossa sociedade foram definidas formas de agir particularmente femininas ou masculinas. Isso foi determinante para que as mulheres por muito tempo fossem impedidas de praticar determinados esportes por serem considerados predominantemente masculinos. O homem sempre foi colocado como um ser superior em diversos âmbitos por suas capacidades físicas, sua aparente virilidade e por ser considerado mais racional, não deixando suas emoções atrapalharem suas ações. Para as mulheres cabia o papel cuidar

da casa, da família e a função de desempenhar atividades indicadas para o “sexo frágil”. Estes valores sexistas da sociedade patriarcal que vivemos até os dias de hoje, dificultam o acesso e permanência da mulher a diversas modalidades esportivas, sendo estas muitas vezes tendo menor prestígio, investimento e visibilidade (SALLES et al, 1996).

Na primeira metade do século XX, a mulher deveria ter a preocupação com a questão estética, o corpo e a beleza, na escolha da modalidade para praticar, pois o esporte não poderia de maneira nenhuma tirar sua feminilidade. No que consiste o esporte feminino, a atenção era muito voltada para o superficial, não tendo uma preocupação com seu desempenho e qualidades físicas. Vemos este tipo de preconceito até os dias atuais, conforme é relatado numa reportagem do jornal El País (MAGRI, 2019) sobre os comentários machistas que o álbum de figurinhas feminino sofreu de inúmeros homens nas redes sociais. Estes diziam que o campeonato não possui a mesma graça, e desmereceram o talento das atletas. Além disso, comentários sexistas, com falas que o álbum venderia mais se as jogadoras estivessem nuas ou de biquíni.

Fica claro que para as mulheres a prática esportiva sempre caminhou a passos lentos, sendo necessárias diversas intervenções para que as condições se tornem iguais. É importante buscar as razões para tamanha discriminação, e assim, minimizar os preconceitos existentes no contexto esportivo feminino, melhorando suas condições de acesso, estrutura, incentivo e investimentos públicos e privados.

Este estudo teve como objetivo identificar as adversidades encontradas por um grupo mulheres praticantes de jiu-jitsu, fisiculturismo e futsal relacionadas ao machismo e preconceito.

2 | A MULHER BRASILEIRA E O ESPORTE: MAIS DE UM SÉCULO PARA PEQUENAS CONQUISTAS

No Brasil, o preconceito existe desde que a mulher brasileira começou a praticar esporte de forma autorizada. No final do século XIX, no parecer de Rui Barbosa direcionado à educação, uma parte chamou a atenção que passava a permitir a prática da educação física escolar pelas meninas (SANTOS, 1999). O próprio parecer é discriminatório porque fala das atividades que as meninas poderiam praticar, diferente das atividades oferecidas aos meninos. Este fato histórico ilustra apenas o início da participação feminina.

Em 1894 já se recomendava um desporto para as mulheres, porém o uso do espartilho limitava os movimentos (MOURÃO, 1996). Alguns esportes eram mais recomendados para a prática, porém sem competições, com a justificativa de não interferir na elegância feminina e serem mais compatíveis com a estrutura física, sendo eles: natação, tênis, esgrima e hipismo (AMATO, 2018).

Segundo Soares et al (1996), até os anos 1930 a mulher tinha pouco envolvimento com o esporte, sendo restrita a ser somente espectadora. Os clubes esportivos brasileiros

de origem europeia realizavam competições femininas e isto explica o fato da brasileira Maria Lenk, filha de alemães, com apenas 17 anos, ser a primeira mulher a integrar uma seleção olímpica brasileira, competindo nos Jogos de Los Angeles, em 1932 (AMATO, 2018).

No começo dos anos 1940, as revistas femininas traziam conceitos de saúde, cuidados com o corpo, dicas de exercícios, porém a prática era restrita ao ambiente doméstico. A prática esportiva era considerada uma agressão à feminilidade, pois se associava a mulher como frágil e inferior. (JAEGER, 2006).

Na década de 1940, na Revista de Educação Physica nº 49, foi publicado um artigo sobre os problemas que as mulheres enfrentariam caso insistissem nas práticas “masculinas”. Em um dos trechos, o Dr. Ballaryni, autor do artigo, emite uma opinião sobre o futebol como sendo um esporte violento e combativo, que provoca traumatismos na região do quadril, sendo prejudicial para as mulheres, nos aspectos físicos e morais. A população, sobretudo masculina, corrobora com a indignação do médico defensor desta opinião, enviando cartas ao então presidente da República solicitando providencias para a proibição do futebol para as mulheres que poderia prejudicar a maternidade (ROCHA, 2017).

Em 1941 durante o governo de Getúlio Vargas, foi promulgado o decreto-lei nº 3199 que limitou os esportes dos quais as mulheres poderiam praticar por não serem considerados de “natureza feminina”. O decreto vigorou até 1979. Nos anos 1950, foram organizadas ações para a retomada da prática do futebol pelas mulheres, porém, a deliberação nº 7 do Conselho Nacional de Desportos (CND) estabelecia as práticas não permitidas às mulheres: “lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (RIBEIRO, 2018).

O final dos anos 1940 e início dos anos 1950 foram marcados por leves transformações no contexto social e esportivo feminino. É nessa época que surgem os “Jogos da Primavera”, idealizado pelo Jornal dos Sports com a ideia de incentivar e consolidar a prática esportiva feminina. Entretanto, apesar de todo o discurso emancipador deste evento, os critérios escolhidos para nomeação da “Rainha dos Jogos da Primavera”, acabava reforçando estigmas sofridos pelas mulheres. A “plástica feminina” e os “traços fisionômicos” correspondiam a 70% da avaliação, seguidos da “eficiência esportiva observada durante os jogos”, com um percentual inferior (MOURÃO, 1996).

Uma publicação de 1960 faz menção ao objetivo que a prática esportiva deveria ter para as mulheres: “fortalecer os corpos femininos para gerar prole forte e tornar a maternidade menos perigosa” (AZEVEDO, 1960 apud SOARES et al, 1996). Havia uma associação explícita ao exercício praticado de forma que mantivesse a feminilidade e auxiliasse o sistema reprodutor (JAEGER, 2006). A prática esportiva feminina não era julgada apenas por homens, mas muitas mulheres compactuavam da ideia moralista de que o esporte não era coisa para mulher, reproduzindo o discurso que elas deveriam se

preocupar somente com a maternidade (GOELLNER, 2005).

O preconceito atingia não somente atletas, mas também outras atuações no esporte, como foi o caso de Lea Santos, primeira árbitra de futebol profissional no mundo que precisou esperar 4 anos para ter seu diploma reconhecido pela FIFA (AMATO, 2018). Contudo, a lei em vigor, restringia somente a prática das modalidades e Lea teve o direito de exercer a profissão (GOELLNER, 2005).

Mesmo com as proibições pela vigência do decreto, na segunda metade do século XX, as mulheres brasileiras passaram a ter cada vez mais presença nos esportes e aos poucos foram participando de campeonatos nacionais e internacionais. Os esportes ganharam notoriedade a partir da década de 1980, com o aumento do patrocínio das empresas públicas e privadas, tanto no masculino, quanto no feminino, mesmo havendo diferenças nos patrocínios. (GOELLNER, 2005; AMATO, 2018).

3 | METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, na qual foi utilizado o método de análise de conteúdo, categorizando as respostas, buscando o máximo aproveitamento de acordo com a coerência ao objetivo do estudo. Lasswell (1982 apud CARLOMAGNO E ROCHA, 2016, p. 177) afirma que “os procedimentos de análise de conteúdo resolvem adequadamente o problema de descrever o quadro de atenção em termos quantitativos”, embora a análise apresentada sugira uma abordagem qualitativa. O instrumento de coleta de dados utilizado foi um questionário com 8 questões abertas.

O universo da pesquisa compreendeu 14 mulheres adultas, praticantes das modalidades fisiculturismo (codificadas como 1, 2, 3, 4), jiu-jitsu (codificadas como 5, 6, 7, 8, 9) e futsal (codificadas como 10, 11, 12, 13, 14), pertencentes a equipes de competição de Petrópolis/RJ. A escolha das modalidades se deu pelas suas características, sendo esportes que exigem força, contato físico, musculatura bem definida e são associados à prática masculina. O preconceito associado ao futsal é o mesmo que o futebol, sendo considerado um jogo agressivo para as mulheres. O jiu-jitsu é uma luta de chão e tem os lutadores conhecidos pelas deformidades nas orelhas, não bem vistas esteticamente para as meninas. Já o fisiculturismo está associado a músculos bem definidos, o que faz com que as praticantes não sejam aceitas pela sociedade que define que músculos desenvolvidos são para homens. Um preconceito de ordem histórica.

Como critério de inclusão foram utilizados: idade maior que 18 anos, ter participado de pelo menos uma competição da modalidade, ter disponibilidade de responder o questionário com questões relacionadas a suas vivências no esporte praticado. A faixa etária compreendeu mulheres entre 20 e 40 anos. As praticantes de fisiculturismo ficaram em menor número, pois, a quinta participante não retornou o questionário.

As participantes foram abordadas de forma direta e assinaram o termo de

consentimento livre e esclarecido, sendo os questionários respondidos sem identificação, utilizando a codificação. Isto concedeu maior liberdade ao escrever sobre discriminação.

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade Católica de Petrópolis, sob o número CAAE: 23412919.3.0000.5281, atendendo às normas da pesquisa com seres humanos, resolução 466/12, do Conselho Nacional de Saúde de 12/12/2012 e da Resolução de Helsinki (WMA, 2008).

4 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira questão teve como objetivo saber em que fase da vida cada atleta começou a prática do esporte em questão, e assim, mensurar uma possível ausência de meninas em atividades esportivas durante a infância e adolescência.

O futsal é um esporte muito popular no Brasil, com projetos de iniciação esportiva gratuita em quadras de todo o país e atinge pessoas de todas as classes sociais. Dentre as 5 atletas de futsal, 4 iniciaram a prática na infância. Já a modalidade de jiu-jitsu requer um treinamento em locais particulares e por ser uma luta, as meninas só as frequentam se a família tem apreço e conhecimento da modalidade. Neste contexto, 2 mulheres do jiu-jitsu iniciaram na infância. Outro aspecto que pode estar relacionado a ausência de meninas na prática do jiu-jitsu é observado segundo análise de Goellner et al (2009), que relata haver questionamentos acerca da feminilidade da mulher quando estas apresentam um comportamento mais agressivo para o jogo, levando ao seu afastamento no esporte. As outras duas atletas de jiu-jitsu iniciaram na adolescência.

O fisiculturismo, como se baseia em intensos treinos de musculação e restrições alimentares, é uma prática comum somente entre os adultos, e por isso não chega a ser uma problemática a ausência de crianças e adolescentes no seu exercício.

A segunda questão abordou a participação em competições. Como a resposta foi aberta, as participantes relataram também sobre patrocínio que está diretamente ligado a participar ou não de competições.

Todas as fisiculturistas são atletas amadoras e algumas ganham patrocínio em forma de produtos, como suplementos alimentares. As atletas de futsal fazem parte de uma mesma equipe, e, portanto, participam juntas das competições, porém, não mencionaram receber qualquer ajuda externa. A ausência de patrocínio é algo que dificulta a participação das atletas nas competições, como menciona Miragaya (2007), que o apoio de comitês e organizações é bem mais difícil quando se trata de mulheres.

Três das cinco praticantes de jiu-jitsu participam somente de forma recreacional devido ao trabalho ou estudo, embora já tenham participado de competições. Esta situação revela um problema para treinar enfrentado pelas praticantes. É difícil conciliar os fatores, principalmente, quando ainda existe uma diferença no salário entre homens e mulheres, que segundo Miragaya (2007), por ser menor para elas, dificulta o investimento em viagens

para os locais de competições, já que muitas vezes é necessário tirar do próprio bolso.

Barlem (2016, apud SOUZA, 2017), relata que quanto pior forem as condições e investimento no esporte, menor será a visibilidade, qualidade técnica e apelo midiático para este. Muitas atletas no Brasil não tem condições de viver com o salário de atleta, se dividindo em treino e trabalho (SOUZA, 2017).

O objetivo da terceira pergunta foi analisar porquê as mulheres escolheram as modalidades praticadas. A tabela 1 apresenta as respostas categorizadas. A maioria das escolhas foi por afinidade ao esporte.

Destaca-se a resposta das atletas 7 e 9, onde um dos motivos foi a oportunidade de aprender ou ensinar outras mulheres a autodefesa. Observa-se uma necessidade de usar o esporte também como uma forma de proteção, pois, como aborda uma reportagem do Globo Esporte (FARIA, 2019), a falta de segurança consiste em um dos motivos que prejudica o acesso e permanência das mulheres na prática esportiva.

Categorias	Atletas
Afinidade / Amor pelo esporte	1,3,4,5,6,7,8,9,10,11,12,13
Desafio pessoal	1,2
Melhora física/mental e/ou emocional	6
Possibilidade de ensinar a modalidade para mulheres como forma de defesa	7
Incentivo familiar	8
Autodefesa	9
Me destacava no esporte	13
Esporte de fácil acesso	14

Tabela 1 - Qual o motivo da escolha do esporte.

A quarta questão investigou o fator incentivo. Foi averiguada a ausência de incentivo de terceiros, principalmente no fisiculturismo e futsal. As duas modalidades têm na história uma identificação como esportes masculinos.

Temos a partir das respostas dadas pelas participantes indicativos da falta de incentivo familiar, escolar, e a falta de projetos para a iniciação esportiva. Dez atletas relataram que não tiveram qualquer tipo de incentivo externo, sendo todas as atletas de fisiculturismo, duas de jiu-jitsu e quatro de futsal. Três praticantes do jiu-jitsu tiveram incentivo familiar, assim como uma atleta de futsal que também relatou receber incentivo por parte de amigos. É importante destacar que o incentivo está diretamente ligado ao conhecimento da modalidade.

Entretanto, apesar de ser evidente a desigualdade entre os gêneros, existe ainda

um déficit de uma metodologia constante para levantamento de dados e resultados do cenário desportivo, referentes à patrocínios; valores dos prêmios; número de competições oficiais; número de dirigentes e gestoras/es esportivas/ os; número de técnicas/o; árbitras/os; comentaristas e repórteres esportivas/ os; número de equipes por modalidade; e assim por diante. A ausência desses dados dificulta uma investigação profunda sobre a vivência de homens e mulheres no contexto esportivo, impossibilitando uma melhor comparação entre a realidade masculina e feminina e a tomada de decisões, a fim de melhorar o acesso e permanência das mulheres no esporte (REVISTA OBSERVATÓRIO BRASIL DA IGUALDADE DE GÊNERO, 2014).

A quinta pergunta explorou situações preconceituosas que essas atletas tenham ou não vivenciado.

Categorias	Atletas
Nunca sofri preconceito por questões de gênero.	4,6,8,9,11,13
Nunca sofri preconceito, mas sei que alguns consideram o esporte que pratico como algo masculinizado.	1,2
Nunca sofri preconceito, mas sei que alguns consideram como exposição sexual por precisar desfilarem de biquini	3
Já sofri quando os companheiros de treino não aceitam ser finalizados por uma mulher	5
Já sofri quando recebi um título e ele não teve a mesma valorização que o masculino	7
Já sofri quando ouvi comentários ofensivos por ser mulher praticando um esporte considerado masculino	10,12,14

Tabela 2 - Já foi vítima de preconceito/machismo pelo esporte praticado? Conte como foi?

As atletas 1 e 2 declararam que apesar de não terem sofrido discriminação, sabem que muitas pessoas consideram o corpo das praticantes algo masculino, devido sua definição muscular. Vemos a partir dessa declaração a relação que se dá entre o corpo da praticante do fisiculturismo com a expressão “masculinizadas”, estabelecendo a musculatura mais definida como algo pertencente somente ao público masculino.

A atleta 3 evidenciou que devido a vestimenta usada durante as competições de fisiculturismo, muitas pessoas consideram como algo sexual, e por conta disso, a prática feminina acaba recebendo uma atenção maior.

A atleta 5 relata que durante os treinos alguns homens quando percebem a presença de mulheres treinam com má vontade e não aceitam muito bem quando a atleta finaliza a luta, optando por desistir antes da finalização, colocando em dúvida a capacidade da

mulher de vencer.

Com a resposta da atleta 7 observamos um problema de preconceito manifestado através da falta de valorização e reconhecimento de suas conquistas. A participante mencionou que em campeonatos disputados por ela, obteve melhores resultados e mesmo assim não recebeu a mesma valorização. Três das cinco atletas de futsal comunicaram que por terem jogado em ambientes diversas vezes predominantemente masculinos ouviram comentários machistas.

A mídia exerce um trabalho essencial no que concerne visibilidade ao esporte, entretanto, não é igual a atenção dada as modalidades femininas e masculinas. Nas reportagens e notícias veiculadas sobre o público feminino no esporte, ocorre constantemente a relação com a imagem corporal, evidenciando assuntos como suas formas, sensualidade, beleza e sexualidade, e não suas capacidades e triunfos (DEVIDE, 2005, p. 204 apud JAEGER, 2006).

Entre as quatorze atletas participantes, seis declaram que não sofreram qualquer tipo de preconceito. As atletas 6, 8, 9 contaram que sempre foram muito bem acolhidas, bem tratadas e respeitadas pelos homens em sua prática, e que por diversas vezes foram as únicas meninas na academia de lutas.

A sexta e a sétima questão abordaram as principais dificuldades que estas mulheres consideram principais para se chegar ao esporte profissional, considerando o gênero. Entre todas as respondentes, oito atletas disseram que o principal problema está associado com a falta de recursos, sejam eles em forma de mídia, patrocínio, oportunidades ou valorização. Destacamos aqui alguns comentários feitos pelas participantes: “A desigualdade. Nós treinamos duro todos os dias, abdicamos de muitas coisas e não temos o mesmo reconhecimento, investimento. Enfim de todos os males o maior com certeza é desigualdade”; “Nós mulheres não temos patrocínio, não temos apoio, não recebemos como o homem que joga (...)”; “Reconhecimento. Muitas vezes treinamos muito mais e nos esforçamos para alcançar algum resultado que é menosprezado por sermos mulheres”.

Segundo Revista Observatório Brasil da Igualdade de Gênero (2012), comparados aos recursos investidos no esporte masculino, é fato que este seja menor para o esporte feminino.

A atleta 2 menciona que dentre as dificuldades encontradas, uma destas é lidar com críticas sobre a forma corporal, que como foi citada anteriormente é constantemente atrelada ao termo “masculinizado”. As atletas 3, 4, 6 e 8 contam que as dificuldades são iguais para homens e mulheres na modalidade, seja pela ausência de investimento, reconhecimento ou visibilidade, não havendo dificuldades a mais pelo fato de serem mulheres.

A atleta 3 deu um relato bastante diferente do conjunto, mencionando que em sua modalidade é mais fácil as mulheres conseguirem patrocínios. Em uma conversa com a atleta, ela justificou dizendo que por ser visto como um esporte sexual por desfilarem de biquíni, os donos de empresas e a própria mídia têm um interesse maior em investir e

transmitir a modalidade feminina. O foco é expor a beleza dos corpos esculpidos e não a ligação da mulher com o esporte.

A atleta 9 alegou que a falta de recursos para a modalidade feminina se dá por haver menos mulheres praticantes de jiu-jitsu: Já as atletas 2, 6 e 8 mencionaram que as condições são iguais para ambos os sexos.

A última questão foi acerca da atenção midiática, com os dados apresentados na tabela 3.

Categories		Atletas
	Sim, é igual.	1,2,4,8
Questão A	A prática masculina tem mais visibilidade.	6,7,10,11,12,13,14
	A prática feminina tem mais visibilidade.	3
	A prática feminina tem menos visibilidade por ter menos praticantes.	5,9
Questão B	É importante pois divulga o esporte, atrai investimento, reconhecimento e valorização.	1,2,3,4,5,6,7,8,10,11,13,14
	Às vezes a mídia prejudica a imagem do esporte.	9

Tabela 3 - O apoio da mídia é o mesmo para o esporte masculino e feminino? Explique a importância disso para a modalidade.

Segundo Oliveira e Teixeira (2009), os homens, por terem maior notoriedade da mídia conseguem mais facilmente bolsas para intercâmbios e apoio de confederações, fazendo com que muitas mulheres desistam do esporte profissional diante das dificuldades encontradas.

5 | CONCLUSÕES

A discriminação de gênero fora e dentro do contexto esportivo é algo que sempre fez parte da nossa sociedade. A exclusão e afastamento das mulheres no esporte se deu historicamente por inúmeras razões, onde acreditava-se que tais características necessárias para a prática de determinadas modalidades não eram condizentes com sua natureza, ou até mesmo pela falta de tempo relacionadas trabalho e afazeres domésticos.

Foi possível analisar que o preconceito ainda faz parte da realidade de muitas atletas, sendo manifestado diferentes formas, de acordo com a modalidade praticada. A falta de incentivo na infância e adolescência é um dos problemas ainda enfrentados por diversas meninas que crescem muitas vezes sem o contato com o mundo esportivo, e só depois de adultas, por curiosidade ou afinidade, decidem se inserir na prática esportiva.

O fisiculturismo, prática em que exige uma musculatura bem definida e forte das atletas, é frequentemente malvisto, pois, diversas pessoas consideram como se esse fosse o estereótipo de corpo masculino. Com isto, muitas atletas precisam lidar com críticas e olhares estranhos.

É possível concluir, apesar do futsal ser um esporte extremamente popular no país, que a prática feminina ainda sofre com comentários ofensivos e negativos através de rótulos inapropriados para as mulheres que praticam a modalidade. Além disso, é inegável que para elas a participação em campeonatos é mais difícil, pois, muitas empresas se recusam a oferecer ajuda quando se trata do futsal feminino. A falta de um espaço exclusivo para as meninas no esporte faz com que tenham que jogar junto dos meninos, e assim, ouçam insultos, sendo um dos mais comuns: “você não é moleque pra jogar”.

O jiu-jitsu apresentou-se como sendo uma modalidade mais igual entre os sexos, onde apenas duas atletas manifestaram ter sofrido algum tipo de preconceito, porém, não é inexistente o problema. Assim como relatou uma das participantes, a competência das atletas por vezes é questionada porque alguns homens não aceitam perder a luta para o gênero oposto durante os treinos. Os títulos recebidos, usualmente, não têm a mesma valorização, mesmo com a obtenção de resultados superiores ao conquistados pelos homens.

A mídia costuma investir maior atenção as práticas masculinas, pois, as práticas femininas têm menor atenção do público, e conseqüentemente, menor retorno financeiro. Entretanto, é de suma importância que a mídia divulgue as práticas esportivas femininas, para atrair investimentos e promover o crescimento.

Avanços foram conquistados no decorrer da história, porém, ainda é preciso pensar em estratégias para diminuir a desigualdade entre os sexos no âmbito esportivo, sendo estas através de ações governamentais e privadas para inserção da mulher no esporte, sobretudo, na infância e juventude; incentivo familiar; maior visibilidade midiática; quebra de paradigmas da própria população com rótulos e preconceitos direcionados a determinadas modalidades esportivas; atuação do profissional de Educação Física, buscando aproximar as meninas do esporte, ensinando valores como respeito à prática esportiva feminina, e mostrando que apesar das diferenças físicas entre homens e mulheres, o esporte é para todos.

Sugere-se outras pesquisas sobre a discriminação que sofrem as mulheres em outros esportes. Pesquisas de natureza qualitativa com o mesmo tema poderão trazer subsídios para a compreensão deste fenômeno.

REFERÊNCIAS

AMATO, Júlia Frias. **Kairós: o Momento da Partida na História de Vidas de Mulheres Olímpicas Brasileiras**. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39136/tde-09052018-131326/pt-br.php>. Acesso em: 16 de outubro, 2019.

BRASIL. Decreto-Lei Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Diário Oficial da União**. Capítulo IX, artigo 54. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/2245075/pg-7-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-16-04-1941>. Acesso em: 25 de abril, 2019.

CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [S.l.], v. 7, n. 1, jul. 2016. ISSN 2236-451X. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771>>. Acesso em: 09 dez. 2019. doi: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>.

FARIA, Livia. Mulheres no Esporte: o tabu e a história por trás da pouca representatividade feminina. **Globo Esporte**, Rio de Janeiro, 10 de março, 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/outros-esportes/noticia/mulheres-no-esporte-o-tabu-e-a-historia-por-tras-da-pouca-representatividade-feminina.ghtml>. Acesso em: 06 de junho, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodro; VOTRE, Sebastião Josué; MOURÃO Ludmila, FIGUEIRA, Márcia Luiza. **Gênero e Raça: Inclusão no Esporte e Lazer**. Editora: Ministério do Esporte, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/81280>. Acesso em: 15 de outubro, 2019.

GOELLNER, Silvana Vilodro. Mulheres e futebol no brasil: entre sombras e visibilidade. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abril/junho. 2005.

JAEGER, Angelita Alice. **Gênero, Mulher e Esporte**. Porto Alegre, v.12, n. 01, p. 199-210, janeiro/abril de 2006. DOI: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.2896>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2896/1532>. Acesso em: 4 de abril, 2019.

MAGRI, Diogo. “Deveriam estar peladas”: as reações machistas ao álbum de figurinhas da Copa do Mundo Feminina. **El País**, São Paulo, 16 de maio, 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/09/deportes/1557429763_600813.html. Acesso em: 17 de junho, 2019.

MIRAGAYA, Ana. **As Mulheres Nos Jogos Olímpicos Participação E Inclusão Social** In RUBIO, Katia. **Megaeventos Esportivos, Legado e Responsabilidade Social**. São Paulo: Editora Casa Central do Psicólogo, 2007. cap. 17. Disponível em: http://www.sportsinbrazil.com.br/livros/as_mulheres_jogos_olimpicos.pdf. Acesso em: 16 de outubro, 2019

MOURÃO, Ludmilla. **A imagem da Mulher Esportista nos Jogos da Primavera dos Anos 50**. In VOTRE, Sebastião et al. **A representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1996. p. 61-77.

OLIVEIRA, Gabriela de; TEIXEIRA, Ana Paula. Trilhando um Novo Caminho: A Gestão Esportiva. **Gênero**, Niterói, v. 10, n. 1, p. 101-118, 2, sem. 2009. Disponível em: <http://www.periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30891/17979>. Acesso em: 10 de novembro, 2019.

RELATÓRIO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. **Movimento é vida: Atividade físicas e esportivas para todas as pessoas**. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Brasília. 2017. Disponível em: <http://movimentoevida.org/>. Acesso em: 06 de junho, 2019.

REVISTA DO OBSERVATÓRIO BRASIL DA IGUALDADE DE GÊNERO. Desenvolvimento Sustentável e Igualdade de Gênero. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Governo Federal, 2012.

REVISTA DO OBSERVATÓRIO BRASIL DA IGUALDADE DE GÊNERO. Mulheres no Esporte. Secretaria de Políticas para as Mulheres. Governo Federal, Ano IV – Número 6, 2014. Disponível em: <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/publicacoes> Acesso em: 10 de novembro, 2019.

RIBEIRO, Raphael Rajão. Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). **Mosaico**, Minas Gerais, v.9, n. 14, p. 49-69, 2018. <http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.73995>. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/mosaico/article/view/73995>. Acesso em: 25 de abril, 2019.

ROCHA, Jonatas Xavier. **Futebol Feminino Sob a Ótica do Preconceito de Gênero**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Pública) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/gestaopublica/wp-content/uploads/2018/10/JONATAS-XAVIER-SANTOS-ROCHA.pdf>. Acesso em: 15 de outubro, 2019

SALLES, José Geraldo; SILVA, Maria.Cecília; COSTA, Marta. **A mulher e o futebol – significados históricos**. In VOTRE, Sebastião et al. **A representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1996. p. 79-94.

SANTOS, Edmar Joaquim; SÁ, Nicanor Palhares. **Da eugenia à ginástica: do século XIX à reforma educacional de 1910 em Mato Grosso**. Revista da Educação Pública. v.8, n.14, p. 109-127, 1999.

SOARES, Antônio Jorge; LEAL, Tânia; LOVISOLO, Hugo. **A formação dos corpos femininos no início do séc. xx**. In VOTRE, Sebastião et al. **A representação Social da Mulher na Educação Física e no Esporte**. Rio de Janeiro: Editora Central da Universidade Gama Filho, 1996. p. 95-121.

SOUZA, Maria Thereza. **“Da visão que eu tenho, do que eu vivi, não sei muito no que acreditar” – atletas da seleção brasileira feminina e as memórias de um futebol desamparado**. Orientador: André Mendes Capraro, 2017. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Curitiba, 2017. Disponível em: <https://www.ludopedio.com.br/biblioteca/da-visao-que-eu-tenho-do-que-eu-vivi-nao-sei-muito-no-que-acreditar-atletas-da-selecao-brasileira-feminina-e-as-memorias-de-um-futebol-desamparado/>. Acesso em: 16 de outubro, 2019.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acompanhamento de egressos 111, 112, 119
Agressividade 42, 43, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52
Agroindústrias 111, 115, 116
Alternância 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253
Ambiental 51, 65, 113, 142, 144, 145, 148, 149, 152, 212, 221
Ambientes virtuais de aprendizagem 32, 87, 88, 89, 90, 99, 100
Aprendizagem significativa 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 179
Atividade física 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141
Autismo 42, 43, 44, 45, 46, 47, 50, 51, 52, 53
Avaliação do ensino superior 181, 182, 223, 224, 227, 237, 240
Avaliação institucional 177, 178, 182, 183, 184, 189, 223, 224, 225, 226, 228, 233, 237, 238, 239, 240

B

Brincar 42, 43, 45, 46, 49, 50, 51, 52, 53, 152
Building information modeling (bim) 254

C

CEFFAS 241, 242
Ciências naturais 36, 39, 40
Construcionismo 54, 57, 89
Conteúdos *hipermedia* 120, 121, 122, 123, 124, 126, 129, 130
Criança 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 53
Curso de capacitação 254, 256, 259

D

Desigualdade 2, 14, 20, 22, 24, 31, 70, 190
Diretrizes curriculares 64, 78, 79, 81, 83, 86
Discriminação 14, 16, 19, 21, 23, 24
Disseminação de informação 223
Docência 4, 34, 79, 80, 81, 86, 87, 150, 169, 178, 179, 180, 181, 188, 189, 262

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 13, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36,

38, 39, 41, 42, 45, 55, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 104, 109, 112, 119, 120, 124, 129, 132, 133, 134, 136, 139, 140, 141, 148, 149, 150, 151, 152, 156, 158, 160, 162, 164, 165, 168, 169, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 217, 218, 219, 220, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 250, 251, 252, 253, 255, 262

Educação básica 1, 4, 6, 12, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 72, 73, 74, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86, 133, 134, 191, 262

Educação em saúde 217, 219, 220

Educação escolar prisional 67, 70

Educação superior 34, 79, 80, 85, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 187, 188, 189, 190, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 236, 237, 238, 239, 240

Enem 187, 221, 222, 229

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10, 12, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 54, 55, 56, 57, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 71, 73, 74, 76, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 115, 118, 133, 134, 135, 140, 142, 151, 152, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 219, 221, 223, 224, 226, 227, 229, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 242, 244, 245, 248, 249, 250, 262

Ensino de arte 171

Ensino médio 4, 7, 40, 73, 74, 76, 91, 163, 176, 191, 193, 221, 242, 245, 249

Ensino remoto 3, 5, 6, 28, 32, 36, 54, 55, 56, 66, 157, 158, 168, 191, 192, 197

Ensino superior 27, 28, 30, 31, 33, 68, 73, 78, 79, 80, 84, 87, 89, 92, 93, 100, 118, 177, 178, 179, 181, 182, 184, 186, 187, 188, 189, 193, 223, 224, 226, 227, 229, 233, 237, 240, 262

Escolares 1, 3, 4, 31, 45, 61, 84, 96, 132, 133, 134, 135, 139, 140, 141, 151, 180, 191, 194, 196, 205, 245

Esporte 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 195

Estratégia de aprendizagem remota 54

Estratégias ativas 217, 220

Exercício 17, 19, 63, 65, 101, 102, 103, 104, 108, 109, 110, 123, 129, 130, 177, 179, 188, 189, 196, 198, 235

F

Família 16, 19, 30, 46, 140, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 168, 241, 242, 244, 245, 248, 250, 251, 252, 253

Ferramentas avaliativas 87, 88, 94, 99

Formação de professores 28, 62, 64, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 159, 170, 178, 191, 200, 262

Formação docente 28, 29, 32, 33, 35, 64, 169, 177, 178, 179, 243

Frequência cardíaca 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 110

I

Ifsul 119

Imaginários sociais 120, 121, 122, 123, 130

Inclusão pedagógica 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34

Indígena Misak 120

Inovação 1, 5, 12, 36, 38, 39, 61, 120, 152, 153, 154, 178, 179, 234, 254

Instrumentos metodológicos 241

Interculturalidade 171, 172, 173, 174, 175, 176

Intervenções urbanas 171, 172, 173, 174, 175, 176

L

Lazer 14, 25, 132, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 195

Letramento digital 1, 2, 5, 8, 10, 12, 57

Linguagem cartográfica 62, 64, 65, 66

Linguagem de programação 54, 56, 57, 60

M

Matemática 6, 7, 81, 191, 192, 196, 197, 198, 199, 200, 202, 206, 262

Material instrucional 28, 29, 31

Moodle 32, 87, 88, 90, 91, 94, 97, 98, 99

Mulheres 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 101, 104, 106, 252

O

Oficinas pedagógicas 221

P

Pais 124, 131, 134, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 167, 242, 252

Pandemia 1, 2, 3, 5, 12, 28, 31, 32, 34, 36, 38, 40, 54, 55, 65, 66, 150, 152, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 165, 166, 168, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 200

Paraná 26, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 101, 104, 140, 141, 150, 241, 242, 244, 249, 250, 259, 261

Políticas educacionais 67, 78, 79, 178, 190, 240

Prática docente 62

Preconceito 14, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 26

Primeiros socorros 217, 218, 219, 220

Profissão docente 169, 177, 179, 189

Projeto de ensino 27, 28, 30, 31

Projetos 19, 20, 38, 65, 72, 73, 81, 91, 117, 118, 122, 132, 140, 142, 144, 145, 147, 170, 183, 245, 256, 259, 261

Q

Química 39, 40, 41, 149, 192, 202, 209, 210, 211, 214, 221

S

Saúde 17, 19, 30, 31, 32, 33, 44, 101, 103, 104, 132, 133, 134, 135, 138, 139, 140, 141, 145, 157, 162, 164, 168, 169, 195, 217, 218, 219, 220, 233, 240

Scratch 54, 56, 57, 58, 59, 60, 61

Sedentarismo 132, 133, 135, 140, 141

Sigaa 87, 88, 90, 91, 94, 97, 98, 99, 100

Sistema nervoso autônomo 101, 102, 103

Socrática 241, 242, 245, 246, 248, 250, 251

Softwares 36, 37, 38, 39, 40, 41, 198

Sustentável 25, 142, 143, 144, 148, 149, 170, 171

T

TDIC 55, 56, 57

Tecnologias 2, 3, 4, 5, 6, 8, 10, 12, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 41, 55, 61, 88, 89, 103, 112, 121, 123, 124, 125, 126, 130, 133, 142, 143, 158, 162, 165, 170, 179, 192, 195, 196, 198, 200, 201, 221, 223, 224, 257, 259

Tomada de decisão 223, 224, 225, 234, 235, 237, 238

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2021

(Des)Estímulos às

teorias, conceitos e práticas

da educação

3



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021